



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

JOÃO PAULO CARDOSO DE MORAIS

**A RELAÇÃO ENTRE O SACERDÓCIO E A EUCARISTIA
EM SÃO JOÃO PAULO II**

Anápolis-GO
2015

JOÃO PAULO CARDOSO DE MORAIS

**A RELAÇÃO ENTRE SACERDÓCIO E EUCARISTIA
EM SÃO JOÃO PAULO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis no curso de bacharelado em Teologia na disciplina TCC sob a orientação do Professor Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

Anápolis-GO
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOÃO PAULO CARDOSO DE MORAIS

A relação entre Sacerdócio e Eucaristia em São João Paulo II

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em ____ de _____ de 2015, com nota _____ avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.
Presidente da Banca –Dr. Frei Flávio Pereira Noletto, O.F.M.

Prof.
Membro titular interno

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote,
a todos os seus Ministros Ordenados e aos fieis devotos do
Cristo Sacramento.

AGRADECIMENTOS

A Nosso Senhor por se ter feito tão pobre humilde no Augusto Sacramento da Eucaristia e por todos os seus dons, totalmente imerecidos.

A todos os sacerdotes por perpetuarem a graça da Presença Real do Corpo de Deus com seu ministério, de maneira especial a todos os que fizeram e fazem parte da minha caminha vocacional.

À minha família pelo apoio.

A todos os irmãos de turma pelo companheirismo.

À Faculdade Católica de Anápolis e todos os seus membros pela dedicação e exemplo de compromisso com a Fé e a Razão.

“Não existe Sacerdócio sem Eucaristia, nem
Eucaristia sem Sacerdócio!”
(São João Paulo II)

RESUMO

A relação que existe entre o Sacerdócio e a Eucaristia, a grande importância que um tem para o outro e a vivência do mistério eucarístico no cotidiano do ministro ordenado são os principais focos da presente tese. O tema foi abordado, de maneira especial, à luz dos ensinamentos de São João Paulo II que se destacava em sabedoria quando falava sobre estes sacramentos. Outros autores também foram pesquisados para enriquecer e corroborar as ideias apresentadas. É tratado sobre a íntima união que existe entre o Santíssimo Sacramento e a vida sacerdotal, sua instituição conjunta na Última Ceia, sobre como enxergá-los como um misterioso dom para toda a Igreja, destacando como o sacerdote pode e deve vivenciar todo esse mistério. O objetivo geral é apontar para as principais noções dessa relação e ressaltar o valor que o ministro sagrado deve dar à Santíssima Eucaristia em sua vida se quiser entender o verdadeiro sentido da sua vocação e missão, e se quiser ver seu ministério dar bons frutos como espera Senhor da messe.

Palavras-chave: Sacerdócio. Eucaristia. Sacramento. Mistério. Graça.

ABSTRACT

The relationship between the priesthood and the Eucharist, the great importance it has to the other and the experience of the Eucharistic mystery in everyday ordained minister are the main focus of this thesis. The issue was addressed in a special way, in the light of the teachings of John Paul II stood in wisdom when talking about these sacraments. Other authors were also searched to enrich and corroborate the ideas. It's treatise on the intimate union that exists between the Blessed Sacrament and the priestly life, their joint institution at the Last Supper, on seeing them as a mysterious gift for the whole Church, highlighting how the priest can and should experience all this mystery. The overall objective is to point to the principal terms of that relationship and highlight the value the sacred minister must give the Holy Eucharist in your life if you want to understand the true meaning of their vocation and mission, and want to see their ministry bear good fruit as expected Lord of the harvest.

Keywords: Priesthood. Eucharist. Sacrament. Mystery. Grace.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ÍNTIMA UNIÃO ENTRE SACERDÓCIO E EUCARISTIA.....	18
2.1 A instituição conjunta da Eucaristia e do Sacerdócio	18
2.2 Eucaristia e Sacerdócio, dom sublime de Deus	19
2.3 Eucaristia e Sacerdócio, mistério da fé	21
3 VIVER A EUCARISTIA	26
3.1 A Eucaristia no centro da vida sacerdotal	26
3.2 Eucaristia, sacramento da Presença de Cristo.....	29
3.3 Eucaristia, Sacramento do sacrifício	33
3.4 Eucaristia, Sacramento de comunhão.....	36
3.5 Presença de Maria na vida eucarística dos Sacerdotes.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Nas páginas que se seguem, vamos abordar alguns dos diversos aspectos que tocam a relação que existe entre o Sacerdote e seu ministério com o Sacramento do Corpo do Senhor, de acordo com a visão, o pensamento e as saudosas palavras de São João Paulo II, sem deixar de lado outros que podem enriquecer esses pensamentos.

Expusemos, num primeiro momento, alguns aspectos da íntima relação que existe entre o Sacerdócio e a Eucaristia, de como foram instituídos conjuntamente, dando maior destaque para a parte que trata desses dois sacramentos como mistérios de fé. No segundo parte, abordamos alguns dos mais importantes pontos da espiritualidade eucarística que devem conter a vida e o ministério sacerdotal, enfatizando e associando a presença real de Jesus na Eucaristia e nos seus ministros ordenados.

O texto tem por intento fazer perceber o quanto a vida do sacerdote depende de uma experiência profunda, marcante e, sobretudo, constante com a Santíssima Eucaristia, sem a qual seu ministério se torna infecundo. Quer tornar clara a importância de nunca se afastar de Jesus Eucarístico, apontar para a eficácia e fervor que se podem adquirir os sacerdotes em seu ministério quanto mais próximos e íntimos estiverem do Corpo do Senhor.

Enfim, será também realçada a dignidade que possui o ministro ordenado em virtude do caráter que recebe no dia da sua ordenação sacerdotal, quando tem sua alma configurada com o próprio Cristo. Muitos, por se esquecerem ou até mesmo por ignorarem essa sublime relação com o Divino e o Sacro, levam uma vida que não deixa transparecer o rosto de Cristo em suas atitudes.

2 ÍNTIMA UNIÃO ENTRE SACERDÓCIO E EUCARISTIA

A Eucaristia e o Sacerdócio são dois sacramentos que tiveram a mesma origem, estão inseparavelmente unidos. Nascidos simultaneamente, se nos apresentam como verdadeiras e misteriosas dádivas divinas que transcendem o homem com todas as suas capacidades.

2.1 A instituição conjunta da Eucaristia e do Sacerdócio

Na carta que o Sumo Pontífice João Paulo II enviou aos sacerdotes em virtude da celebração da Quinta-feira Santa do ano de 2004, ele relata, com comoventes palavras, o nascimento conjunto dessas duas inexoráveis fontes do amor de Cristo por nós:

Na Última Ceia, nascemos como sacerdotes: esta é a razão que torna belo e necessário encontrarmo-nos no Cenáculo, partilhando a memória, cheia de reconhecimento, da alta missão que nos irmana. Nós nascemos da Eucaristia. O que dizemos de toda a Igreja, ou seja, de Eucharistia vivit [...], podemos perfeitamente afirmá-lo do sacerdócio ministerial: este tem origem, vive, opera e frutifica de Eucharistia [...]. Não existe Eucaristia sem sacerdócio, como não existe sacerdócio sem Eucaristia (PAULO II, 2004, p. 4).

O ponto culminante da vida do ministro ordenado, cujo caráter recebido o faz agir na pessoa de Cristo, dá-se quando repete o que o próprio Senhor disse e fez naquela noite ao consagrar o pão e o vinho. Com este ato santo, relembra seu próprio nascimento, sua origem. O ministério sacerdotal e o sacramento do Corpo do Senhor estão de, tal forma ligados, que um não pode viver sem o outro.

Também o Catecismo da Igreja Católica nos fala desse nascimento conjunto:

Tendo amado os seus que estavam no mundo amou-os até o fim. [...] Para deixar-lhes uma garantia desse amor, para nunca afastar-se dos seus e para fazê-los participantes de sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memória de sua morte e de sua ressurreição, e ordenou a seus apóstolos que a celebrassem até a sua volta, constituindo-os então sacerdotes do Novo Testamento (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 1337).

A Eucaristia e o Sacerdócio nasceram da mesma fonte: o Coração ardente de amor de Jesus. Na Última Ceia, Nosso Senhor afirmou desejar

ardentemente comer aquela Páscoa com os seus discípulos antes de sofrer a Paixão (cf. Lc 22,15). Uma vez que estes dois altíssimos sacramentos foram instituídos conjuntamente, podemos dizer que Jesus também desejava ardentemente constituir seus apóstolos sacerdotes para que pudessem perpetuar seu único sacrifício. Assim, tanto a Eucaristia como o Sacerdócio são frutos de um amor abrasador que fazia pulsar o coração do Cristo naquele Santo Banquete.

Deus não pensou em maneira melhor de permanecer conosco que por meio da Eucaristia. Quis que seu Corpo Sacrossanto e seu Preciosíssimo Sangue fossem sinais permanentes do seu imenso amor por nós e associou essa permanência à missão dos apóstolos de celebrá-la até que Ele volte, ou seja, ao sacerdócio. Sem o sacerdote, o Sacramento do Amor teria se tornado apenas uma linda lembrança de uma noite inesquecível que aconteceu a mais de 2000 anos e nada mais. Da mesma forma, sem a Eucaristia o sacerdote perde o motivo e a razão do seu existir.

2.2 Eucaristia e Sacerdócio, dom sublime de Deus

Podemos dizer dom tanto do Sacerdócio como da Eucaristia. “A Eucaristia é antes de tudo um dom oferecido à Igreja. Dom indizível. Também o sacerdócio é um dom para a Igreja, em consideração à Eucaristia” (PAULO II, 2000, p. 114). São duas realidades que, de certa forma, confundem-se no mesmo dom e mistério que supera infinitamente o homem (PAULO II, 1996, p. 9).

Toda vocação sacerdotal é uma verdadeira dádiva da misericórdia e da bondade divinas. “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). O homem, por si mesmo, jamais poderá considerar-se digno de tal celestial presente. “Ninguém, pois, se atribua essa honra, senão o que foi chamado por Deus” (Hb 5,4).

“Meus irmãos! O dom de Deus foi grande para nós, para cada um de nós! Tanto que cada sacerdote pode descobrir em si os sinais de uma divina predileção. Oxalá cada um conserve fundamentalmente o seu dom [...]” (PAULO II, 2000, p. 131). Com essas palavras exortava João Paulo II aos sacerdotes para que nunca

deixassem de perceber que essa vocação é dada por graça e não por mérito próprio.

O sacerdote é o “Homem de Deus” (2 Tm 3, 17). “Escolhido dentre os homens, é constituído em favor dos homens em todas as coisas que se referem a Deus” (Hb 5,1). Não é senão por vontade de Deus que ele é elevado a tão sublime dignidade, sendo merecedor por si mesmo somente de cólera e indignação da Justiça Divina pelos seus pecados.

São Gregório de Nissa escreve: ‘Aquele que ontem estava confundido com o povo torna-se mestre do povo, torna-se superior ao povo, doutor nas coisas santas e chefe nos sagrados mistérios’. Isto acontece por obra do Espírito Santo, pois ‘não é um homem, não é um Anjo, nem um Arcanjo, não é um poder criado, mas é o Espírito Santo que o investe do Sacerdócio’ (São João Crisóstomo) (MANELLI, 1988, p. 131).

Não é difícil entender que tamanha dignidade não pode ser reclamada por nenhum homem que compreenda ao menos um pouco da grandeza dessa vocação, porque é chamado, é dom, é graça dada livremente por Deus que só espera uma resposta generosa do escolhido. Sabemos que nenhum dom é dado para proveito próprio, mas somente para a edificação da comunidade (cf. 1Cor 12, 7). Sendo assim, todo aquele que recebe um dom, deve sentir-se impelido interiormente a fazer-se dom para os outros, pois para isso recebeu: para dar, para doar!

O dom é cada vez maior! É maravilhoso que assim seja. É bom que um homem jamais possa dizer que já correspondeu plenamente ao dom. É um dom e também uma tarefa: sempre! Ter consciência disto é fundamental para viver plenamente o próprio sacerdócio (PAULO II, 1996, p. 90).

Igualmente, da Eucaristia se pode dizer um autêntico dom gratuito do Deus-Amor. Nela, “revela-se o desígnio de amor que guia toda a história da salvação” (BENTO XVI, 2007, p. 13) e que nos alcança na nossa história de vida pessoal. Por isso, a Eucaristia é o sacramento do amor, a manifestação sacramental de um amor que se dá a nós sem o menor merecimento de nossa parte, de um amor que foi capaz de amar-nos até o fim (cf. Jo 13, 1), um amor ao qual o ser humano jamais será capaz de retribuir equivalentemente.

No Sacramento do Altar, Jesus se faz dom para nós, um dom silencioso, escondido, quieto, simplicíssimo, despojado. Quanta humildade a de Jesus Eucarístico! É o maior presente que a humanidade já recebeu do próprio Deus: Seu

Corpo, Sangue, Alma e Divindade presentes num único sacramento, num único pedaço de pão consagrado. É o céu que se rasga num ato divino-humano e antecipa e temporiza a eternidade para nós a cada Santa Missa.

[...] a grandeza do mistério eucarístico consiste no fato dele ser o supremo dom do amor infinito de Deus, ou seja, o dom total e gratuito que, sob as espécies do pão e do vinho, Ele faz de si mesmo para nós. A simplicidade dos sinais eucarísticos não faz senão sublinhar a grandeza deste dom divino. Com efeito, na Eucaristia, Deus nos dá 'tudo' que poderia dar a uma criatura. Esta é, de fato, a última consequência do seu amor infinito que se doa sem reservas e sem medida (STOECKL, 2006, p. 343-344).

Esse dom total e gratuito que Deus faz de Si mesmo no Santíssimo Sacramento é a fonte e o exemplo no qual se deve basear a doação do Sacerdote aos homens. Jesus fez tudo isso por amor, para se comunicar, para estar conosco. Por isso, fazer da própria vida um dom para os irmãos se faz tão pertinente ao varão que abraçou, como resposta a um chamado divino, o ministério sacerdotal.

2.3 Eucaristia e Sacerdócio, mistério da fé

Após a consagração do pão e do vinho na Santa Missa, o celebrante pronuncia as palavras: Eis o mistério da fé! Sabe-se que elas se referem principalmente à Eucaristia, mas, sem nenhuma hesitação, podemos atribuí-las também ao Sacerdócio. Como já supracitamos, não existe Eucaristia sem Sacerdócio, nem Sacerdócio sem Eucaristia. É através do ministério ordenado que a Eucaristia chega até nós.

O mistério da Eucaristia não é somente o mistério da nossa fé por excelência, mas exige também de nós uma grande fé. De fato, ele está totalmente além de tudo que poderíamos imaginar. Uma mente humana poderia porventura excogitar que Deus, em seu infinito amor por nós, iria ao extremo se assumir a humilde aparência do pão e do vinho para assim permanecer entre nós e se fazer nossa comida e bebida espirituais? Ao mistério eucarístico podemos aplicar o que Deus disse pelo profeta Isaías: 'Tanto quanto o céu está acima da terra, tanto são superiores aos vossos os meus caminhos e meus pensamentos ultrapassam os vossos' (Is 55,9) (STOECKL, 2006, p. 345).

Não existe ser humano capaz de imaginar uma forma de expressar um amor maior que o de Deus por nós nesse Sacramento. Poderíamos dedicar o resto de nossas vidas a meditar na extensão desse amor supremo, tão simples e oblato,

que no fim da nossa caminhada sobre esta terra, quando estivéssemos diante do trono da Majestade Divina e fosse-nos revelado um pouco mais desse amor, perceberíamos que nem sequer chegamos a tocar verdadeiramente esse infinito mistério, uma vez que nenhuma criatura, nem humana nem angélica, é capaz de abarcá-lo.

Tudo desde o começo do mundo e antes mesmo que ele existisse (cf. Ef 1,4) era para mim e só para mim, preparando-me esse dom de amor pessoal que Jesus me faz de seu Corpo, de seu Sangue, de sua Alma e divindade, de tudo que Ele é e de tudo o que possui, visto que tudo vem se encerrar em mim, em meu coração, em minha alma (EYMARD, 2005, p. 241).

Se almas soubessem que tamanho ato de amor se renova todo dia no altar também para e por elas! Que Jesus se humilha tanto para se aproximar da nossa pequenez e vai além, torna-se nosso alimento, faz-se presente num pão que podemos tocar, levar de um lugar para o outro quando e como quisermos, e que ainda podemos fazê-lo refeição!

Diante desse mistério inefável não nos cabe mais que um profundo silêncio adorador, que manifeste a disposição de uma alma absorta, a qual se recolhe extasiada numa contemplação intensa de algo que lhe supera incomensuravelmente. Uma alma que sabe que quanto mais amar e acreditar, mais perto chegará, talvez, de colher alguma compreensão desse Sublime Sacramento.

Nós, naturalmente, nem sempre nos damos conta desta riqueza. Mas, todas as vezes que participamos na celebração deste divino mistério, devemos de novo encontrar a consciência desta riqueza infinita, sobrenatural, deste sacramento de Jesus Cristo que nos foi oferecido [como sacrifício] na Cruz e deixado como sacramento na Última Ceia (PAULO II, 1985, p. 10).

Como é forte a tendência que temos de naturalizar todo esse santo mistério. Pelo fato de só poder ser realmente tocado pela fé pura, o Cristo Sacramento, muitas vezes, vê diante de Si corações frios, distraídos, preguiçosos, incoerentes. Sem uma firme convicção acerca das excelsas realidades espirituais que cercam aquele pão consagrado, adorado incessantemente pelos coros angélicos, não se pode perceber e acreditar que se está diante do próprio Deus.

“O mesmo mistério de santificação e de amor, obra do Espírito Santo, pelo qual o pão e o vinho se tornam o Corpo e o Sangue de Cristo, age na pessoa do ministro no momento da Ordenação Sacerdotal” (PAULO II, 2004, p. 4). Tanto é

mistério Deus fazer de pão e vinho Seu Corpo e Seu Sangue através do milagre da transubstanciação, quanto é mistério um homem, pecador como os outros homens, ter a alma transformada pelo Espírito Santo, ser elevado à dignidade sacerdotal, através da qual Criador passa a obedecer criatura.

O Espírito Santo configura a alma do sacerdote com Jesus, personifica Jesus nele, de tal modo, que 'o Sacerdote no Altar opera na própria Pessoa de Jesus' (São Cipriano) e 'é Senhor do próprio Deus' (São João Crisóstomo). [...] a dignidade do Sacerdote é considerada 'celestial' (São Cassiano), 'Divina' (São Dionísio), 'infinita' (Santo Efrém), 'o ápice de toda grandeza' (Santo Inácio, Mártir), 'venerada como amor pelos próprios Anjos', a ponto de, 'quando o Sacerdote celebra o Sacrifício Divino, os Anjos ficarem perto dele, e em coro entoarem um cântico de louvor em honra daquele que se imola' (São João Crisóstomo) (MANELLI, 1988, p. 132).

Se ficamos estupefatos e maravilhados diante da grandeza e sublimidade do mistério eucarístico, a nossa reação ante o mistério do sacerdócio não pode ser diferente. Como é possível que um ser tão miserável seja revestido de tantas graças, de tanta excelência? Que um homem, tão indigno por seus próprios merecimentos, seja portador de tamanha grandeza divina? Que uma criatura, cuja natureza tende facilmente a ofender seu Criador, seja, como disse acima São João Crisóstomo, Senhor do próprio Deus?

Talvez um dos pontos máximos, se não for o maior, até onde chega a dignidade de um sacerdote seja o fato magnífico de agir *in Persona Christi*, principalmente no momento da consagração no Santo Sacrifício do Altar. Aqui, queremos atentar para um detalhe sublimemente importante, talvez ignorado ou despercebido pela maioria dos que são chamados *alter Christus* ou *ipse Christus*, o eloquente fato de que o sacerdote empresta a voz para a ação divina e repete as mesmas palavras de Jesus Cristo na Última Ceia, contudo, a pessoa de Cristo é Pessoa Divina, é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, é Deus!

Quão puros devem ser os lábios que pronunciam aquelas santíssimas palavras que trazem Deus ao mundo, sob a humilde forma de pão. O temor e tremor que deve invadir o sacerdote diante desse mistério devem ser muito maiores que o do profeta Isaías quando recebeu seu chamado e, depois de ter visto "o Senhor sentado num trono muito elevado" (Is 6,1), tomado de intenso pavor, exclamou: "Ai

de mim [...]. Estou perdido porque sou um homem de lábios impuros [...] meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos!” (Is 6,5).

Isaías ficou amedrontado só por ter visto o Senhor, o que dizer da reação que deve ter aquele de cuja boca saem palavras proclamadas pela Pessoa Divina do Verbo Divino, como se Ele mesmo as estivesse dizendo? Cada sacerdote deveria implorar copiosamente a Deus antes de cada Santa Missa que fosse misericordiosamente agraciado, assim como o profeta, com a visita de um serafim que trouxesse nas mãos uma brasa viva, tomada do altar, e lhe desse a reconfortante graça de ouvir: “Tendo esta brasa tocado teus lábios, teu pecado foi tirado, e tua falta, apagada” (Is 6,7). Ao menos assim seria menos indigno de portar as palavras do Filho de Deus em seu ser, em sua voz.

E, no momento em que ele, invocando o Espírito Santo, realiza o sacrifício mais santo, tocando com suas mãos o Senhor de todas as criaturas, diga-me qual o grau de dignidade que lhe possamos atribuir? Que pureza, que conscienciosidade não devemos dele exigir? Já pensaste como devem ser as mãos que manipulam tal atividade, como deve ser a língua que pronuncia tais palavras, como deve ser a alma para poder receber tal Espírito? Naquele momento os próprios anjos estão em redor do sacerdote; o Santuário, o espaço em redor do altar, estão repletos de coros celestes para adorar a vítima sobre o altar. Tudo isso, considerando o que está acontecendo sobre o altar, será suficiente para merecer nosso crédito (CRISÓSTOMO, 1979, p. 118).

Humano e divino parecem confundir-se na pessoa de um sacerdote de Cristo. Ao mesmo tempo que não deixa de ser um homem perfeitamente normal e alvo das mesmas fraquezas que os outros, é capaz de fazer o que nem os cem homens mais santos que já existiram na história da Igreja, sendo estes leigos ou religiosos não ordenados, conseguem fazer: trazer dos céus e fazer habitar no meio de nós, sob o véu eucarístico, o Senhor do cosmos.

É realmente arrebatador pensar que o mistério do sacerdócio ainda leva o ministro ordenado a assemelhar-se à Santíssima Virgem. Pois o que aconteceu no seio da Mãe de Deus a dois mil anos atrás acontece entre as mãos do sacerdote a cada Santa Missa celebrada: o Filho de Deus se encarna, Jesus Cristo é mais uma vez gerado e dado aos homens no Santíssimo Sacramento.

Parece que para tanto não basta que apenas os lábios sejam puros, mas também as mãos e todo ser deve acompanhar essa pureza que há de manifestar-se

principalmente por uma conduta irrepreensível. Pois o sacerdócio é “um cargo que exige a perfeição de um anjo!” (CRISÓSTOMO, 1979, p. 115).

Tratando ainda sobre esse mistério que é o sacerdote, não podemos deixar de mencionar a grande devoção que já se cultivou pelas mãos através das quais o pão e o vinho dão lugar ao Corpo e Sangue do Senhor. Nos primeiros séculos da Igreja, quando a perseguição cristã alcançava padres e bispos, uma das maiores atrocidades que se lhes fazia era amputar-lhes as mãos para que não pudessem mais abençoar e exercer suas altíssimas funções.

Estes admiráveis veículos da descida de Deus à terra (as mãos dos sacerdotes) eram tão venerados pelos fiéis que chegavam a ser recolhidas e postas em frascos com aromas para serem conservadas e reverenciadas. Padre Pio fazia questão de ser até indelicado ao forçar os sacerdotes que se lhe apresentavam a deixar-lhe beijar suas mãos. Costume que, infelizmente, vem se perdendo com o passar dos anos.

Tamanho era o respeito e admiração do Santo Cura d’Ars, patrono e intercessor dos sacerdotes do mundo inteiro, chamado por João Paulo II de “modelo extraordinário de vida e serviço sacerdotal” (2000, p. 149), para com os administradores dos mistérios divinos que chegava a dizer:

Se eu me encontrasse [...] com um Sacerdote e com um Anjo, saudaria primeiro o Sacerdote, e depois o Anjo [...] Senão tivéssemos o Sacerdote, de nada nos valeria a Paixão e a Morte de Jesus... Para que serviria um escrínio cheio de joias de ouro, se não houvesse alguém para abri-lo? O Sacerdote é quem tem a chave dos tesouros celestes (apud MANELLI, 1988, p. 136).

De fato, aos sacerdotes é dado realizar ações que aos anjos é impossível como perdoar pecados por exemplo. Nem a Virgem Maria, a criatura mais perfeita criada por Deus e escolhida para ser aquela que geraria o Verbo Divino no tempo, recebeu tamanho privilégio. E tudo isso porque o ministro consagrado age na pessoa do próprio Jesus Cristo, Senhor Nosso.

Aproveitando um pouco mais da humilde sabedoria de São João Maria Vianney, adquirida segundo ele no genuflexório diante do sacrário, queremos mais uma vez entrar em contato com aquelas palavras que ressoaram durante todo o Ano Sacerdotal 2009-2010 sobre o sacerdócio que ele afirmava ser o Amor do Coração

de Jesus! Sobre o sacerdote, o santo dizia ainda que “só no céu iria medir toda a sua grandeza. Se conseguisse entendê-la aqui na terra, morreria, não de espanto, mas de amor” (apud MANELLI, 1988, 138-139).

Com tanto para abraçar e tão pouco para dar em resposta a esse admirável mistério do sacerdócio, o padre só pode consolar-se no fato de que não foi ele que escolheu esse caminho de cruz e de glória, mas foi escolhido por Deus antes mesmo de nascer ou ser concebido no ventre materno (cf. Jr 1, 5). Ao homem mesmo só cabe responder com a vida, dando todo o pouco que tem.

“Ao mesmo tempo, damo-nos conta de que as palavras humanas não são capazes de arcar com o peso do mistério que o sacerdócio leva em si” (PAULO II, 1996, p. 10).

3 VIVER A EUCARISTIA

Contemplar a beleza e grandeza da sublime relação que há entre esses sacramentos é algo que talvez só tenha verdadeiro término no céu. Por isso, queremos ater-nos agora a como colocar em prática, como viver todo esse mistério que envolve o Ministro Ordenado e o Corpo Sacrossanto de Jesus Cristo.

3.1 A Eucaristia no centro da vida sacerdotal

O sacerdócio não pode ser compreendido sem a Eucaristia, que é a razão e está na raiz do seu existir. São João Paulo II, certa vez, disse sobre a Eucaristia ao clero italiano: “Ela sem nós não pode existir; mas também nós sem a Eucaristia não existimos ou nos reduzimos a larvas sem vida.” (1984, p. 7). O sacerdócio está inteiramente voltado pra ela e existe em função dela.

Na mesma ocasião, o santo ainda atentava para a centralidade eucarística na vida sacerdotal, mostrando os efeitos de uma pura e autêntica devoção eucarística e os desastres do seu descuido:

[...] um Sacerdote vale quanto vale sua vida eucarística, a sua Missa sobretudo. Missa sem amor, Sacerdote estéril; Missa fervorosa, Sacerdote conquistador de almas. Devoção eucarística descuidada e menosprezada, sacerdócio em perigo e evanescente (PAULO II, 1984, p. 7).

Vemos que o Papa coloca a vida sacerdotal de tal forma vinculada à Eucaristia que a vitalidade, a perseverança, a eficácia e a fecundidade do ministério sacerdotal dependem como que essencialmente da intimidade que o ministro tem com Jesus Eucarístico, de maneira especial na celebração diária da Santa Missa.

Em contrapartida, podemos afirmar sem o menor receio de desacertar que o sacerdote que descuida de sua vida eucarística caminha certamente para a falência do seu ministério que, por mais despercebida e devagar que se dê, é praticamente inevitável, mesmo que se dedique a algumas outras formas de devoção e oração, que nunca terão a mesma importância que adorar o Corpo do Senhor. A relação do sacerdote com Cristo precisa, de certa forma, ser mais íntima que a dos outros fieis.

Chamando seus discípulos não mais apenas de servos, mas de amigos, “Cristo fez conhecer aos Apóstolos e a todos aqueles que deles herdaram o sacerdócio ordinário, que nesta vocação e neste ministério devem tornar-se seus amigos: devem tornar-se amigos daquele mistério que ele veio cumprir” (PAULO II, 2000, p. 119).

Podemos tomar como exemplo o cuidado com uma árvore. Por mais sol e água que lhe sejam proporcionadas, se ela não está plantada num terreno que lhe ofereça os necessários nutrientes para que, através de suas raízes, possa sustentar-se, pode até sobreviver por algum tempo, mas sua decadência é certa. O terreno fértil do sacerdócio no qual o padre deve lançar suas raízes o mais fundo que puder é a Eucaristia que lhe garante um ministério frutuoso, pois tudo é feito diante do Senhor.

Isso nos atesta até mesmo o atual Diretório para o ministério e a vida do presbítero quando fala sobre o mistério eucarístico:

Existe, com efeito, uma conexão íntima entre a centralidade da Eucaristia, a caridade pastoral e a unidade de vida do presbítero, o qual encontra nela as indicações decisivas para o itinerário de santidade a que é especificamente chamado (CLERO, 2013, p. 122).

Realmente a opção por Jesus Sacramentado é *decisiva*, como fala o documento, para o caminho de santificação do ministro. O sacerdote é chamado a assemelhar-se a Cristo não só quando celebra os santos e altíssimos mistérios ou quando administra algum outro sacramento, mas tem na raiz do seu ser sacerdotal um chamado peculiar a imitar Jesus em todos os momentos da vida, a ser um *alter Christus* por tempo integral.

O mesmo documento ainda vem exortar sobre o valor da Missa diária, fazendo também uma citação belíssima do que o nosso Papa emérito Bento XVI disse sobre esse assunto no número 80 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*:

É necessário chamar a atenção para o valor insubstituível que tem para o sacerdote a celebração cotidiana da Santa Missa – ‘fonte e ápice’ da vida sacerdotal –, mesmo sem a presença de fiéis. A esse respeito, ensina Bento XVI, juntamente com os padres do Sínodo, recomendo aos sacerdotes ‘a celebração diária da Santa Missa, mesmo quando não houver participação dos fiéis’. Tal recomendação é ditada, antes de mais nada, pelo valor objetivamente infinito de cada celebração eucarística; e é motivada ainda pela sua singular eficácia espiritual, porque se vivida com atenção e fé, a Santa Missa é formadora no sentido mais profundo do termo enquanto promove a configuração a Cristo e reforça o sacerdote na sua vocação (2013, p. 123).

O padre vale tanto quanto vale a sua Missa! O momento da celebração do Santo Sacrifício deve estar no centro do dia do sacerdote, o ápice da sua vida cotidiana. Tudo vem e tudo se projeta para Santa Missa. O sacerdote deve terminar uma Missa e já começar a se preparar para outra, pois é ela que dá sustento verdadeiro para sua vocação, e o configura realmente com Cristo Sacerdote. E isso tudo acontece com eficácia mesmo sem a participação dos fiéis durante a celebração.

Isso nos remonta a outra realidade muito pertinente na vida do sacerdote, de maneira muito especial do sacerdote diocesano. Muitos destes têm a tentação de achar que consumir todo o seu tempo somente com o povo é suficiente para cumprir a sua missão. No entanto, se a missão do padre, simplesmente falando, é a de dar

Deus para o povo, então não pode achar que deve ficar o tempo todo com as pessoas, é preciso antes abastecer-se.

Ninguém dá o que não tem! Se o ministro não procura através da oração, da adoração eucarística, das devoções pessoais e, principalmente, da celebração diária da Missa encher-se de Deus, como vai poder dá-lo aos outros? Se um copo está vazio e ainda se continua querendo tirar algo dele, só se vão conseguir cacos de vidro. E as pessoas, ovelhas primeiramente de Cristo Bom Pastor, merecem e necessitam mais que cacos de vidro que um homem sem Deus possa oferecer.

Santo Tomás dizia que é preciso cuidar primeiro do corpo real do Senhor para, depois, cuidar do seu corpo místico! Primeiro tornar-se pleno de Cristo, depois dá-lo aos fiéis. A Eucaristia é fonte inesgotável desse preenchimento. Por isso, para entendê-la melhor, vamos elencar e associar à vida sacerdotal as três dimensões da Eucaristia: presença, sacrifício e comunhão. Vejamos.

3.2 Eucaristia, sacramento da Presença de Cristo

Todos os dias, quando fazemos a exposição do Santíssimo Sacramento, temos a graça de rezar o dogma eucarístico ao dizer que Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente na hóstia consagrada, não somente com seu corpo e sangue, mas com sua alma e divindade de maneira perfeita e íntegra, tal como está no céu.

É um verdadeiro milagre essa presença real de Cristo nesse sacramento. Aquele mesmo que morreu e ressuscitou, aquele que está sentado à direita do Pai e intercede por nós (cf, Rm 8, 34) está no irmão que sofre, na Palavra Proclamada e se nos apresenta de várias outras maneiras na Igreja (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº1373), mas não há nenhuma delas que se compare e que contenha a Presença de Jesus Cristo como a Santíssima Eucaristia. Pois esta foi instituída pelo Senhor para perpetuar e sacramentar o seu maior ato de amor por nós, a sua Paixão no madeiro da Cruz.

Todo o Cristo presente de maneira tão simples nesse Sacramento! Aqui encontramos uma grande graça, mas que, ao mesmo tempo, pode tornar-se um grande perigo, principalmente para o sacerdote. Certa vez, em uma de suas

alocações o Papa Bento XVI exortou-nos a não nos acostumarmos com o Sagrado. Sem hesitação podemos associar esta chamativa à Eucaristia.

Dissemos que é grande perigo toda essa simplicidade de Jesus exatamente por isso, pelo fato de ser fácil acostumar-se ou, muito pior, duvidar da sua Presença Real e Sagrada. Isso, na vida de um sacerdote, pode ser chamado de um verdadeiro câncer espiritual. Isso é uma chaga aberta na vida espiritual em geral e pode acometer qualquer leigo, mas é de extraordinária preocupação quando ocorre com aquele que tem, através do poder sacerdotal, a dita de fazer Deus se encarnar novamente entre os seus dedos.

Não estamos aqui ignorando o fato de uma necessidade de fé maior para o sacerdote, uma vez que os leigos permanecem em silêncio e quietos em seus lugares durante a consagração e, depois, só fitam a hóstia já consagrada. O sacerdote, por sua vez, tem que perceber esse milagre acontecer diante dos seus olhos, através dos seus lábios e entre as suas mãos. Essa é a maior honra que pode ser dada a um ser humano nessa terra, sem dúvida, mas é algo que exige uma adesão de fé extraordinária dessa pessoa.

Sabemos da existência de muitos milagres eucarísticos na história da Igreja. O mais curioso nesses milagres é que a imensa maioria das vezes que Nosso Senhor se dignou transformar em carne e sangue vivos o pão e o vinho no momento da transubstanciação, isso ocorreu nas mãos de sacerdotes que duvidaram da presença real de Cristo. Um dos exemplos mais conhecidos, sem dúvida, é o caso de Lanciano que é muito famoso e popular. Talvez possamos ver outros exemplos. Assim ocorreu o milagre eucarístico de Bolsena:

Um sacerdote de Praga que viajava pela Itália, um dia estava celebrando a Missa na Basílica de Bolsena, quando no momento da consagração ocorreu um prodígio: a Hóstia transformou-se em Carne. Este milagre robusteceu a fé do sacerdote que duvidava da presença real de Cristo na Eucaristia. O Papa Urbano IV e Santo Tomás de Aquino examinaram as Sacras Espécies e o Pontífice decidiu estender a festa de *Corpus Christi* a toda a Igreja, para que este excelso e venerável Sacramento seja para todos peculiar e insigne memorial do extraordinário amor de Deus por nós (NASINI, 2010, p. 32).

Tal como este, existem vários outros milagres eucarísticos como os de Ivorra (na Espanha em 1010), de Regensburg (na Alemanha em 1255), de

O’Cebreiro (outra vez na Espanha em 1300), de Boxmeer (na Holanda em 1400), de Ludbreg (na Croácia em 1411), (NASINI, 2010, p. 32) etc. Todos esses e muitos outros ocorreram por vontade de Deus, é claro, mas sempre estava presente na narração do milagre a falta de fé do sacerdote que celebrava aquela Eucaristia.

Percebamos que é muito provável que esses sacerdotes sabiam dos casos de descrença de outros padres que ocasionaram o milagre eucarístico antes de acontecer com eles mesmos. Isso já lhes devia soar como forte aviso e, no entanto, vacilaram. Isso aconteceu porque, de fato, o único que pode ajudar-nos a não desacreditar desse admirabilíssimo mistério é o próprio Cristo.

Por isso, estar constantemente diante de sua Presença, buscar aprender cada vez mais sobre a Eucaristia pode ser um salutar costume. Ninguém ama o que não conhece. Quanto mais tempo passarmos próximos a Jesus Eucarístico, mais Ele nos poderá ensinar a amá-Lo. Estamos, indiretamente, falando da adoração eucarística, sempre indicada pela Igreja e, de maneira especial, aos sacerdotes.

Jesus espera por nós neste Sacramento do Amor. Não nos mostremos avaros para ir encontrar-nos com Ele na adoração, na contemplação cheia de fé e pronta para reparar as grandes culpas e os crimes do mundo. Não cesse nunca a nossa adoração (PAULO II, 2000, p. 62).

As ovelhas seguem o exemplo do Pastor! Se o padre reza e se santifica, a tendência é que o mesmo aconteça com o povo. Por isso, o padre deve ser arquétipo na paróquia em matéria de adoração e intimidade com a Eucaristia. Graças a Deus temos bons e atuais exemplos disso. Apesar de estarmos debruçando-nos sobre os escritos de São João Paulo II e seu exemplo de vida, gostaríamos muito de expor outro modelo a ser seguido, falamos do cardeal Fulton Sheen.

Dizia ele que havia feito dois propósitos no dia da sua Ordenação: o de oferecer a Missa de todos os sábados em honra à Santíssima Virgem Maria para implorar proteção sobre o seu sacerdócio e o de passar, todos os dias, uma Hora Santa na presença de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento. A prática da Hora Santa ele já a cultivava antes de ser ordenado. Quando certo dia, no Seminário, percebeu que havia perdido uma hora inteira do seu tempo, logo se perguntou o

porquê de não passar aquele tempo diante do Ostensório. Começando no outro dia, carregou essa devoção por mais de 60 anos até sua morte (SHEEN, 1980).

O nome que deu a esse exemplar costume foi: “A hora que dá sentido à minha vida” (SHEEN, 1980). Dentre as razões pelas quais mantinha essa prática, afirmava que a Hora Santa não é uma devoção, mas uma participação na obra da Redenção. Dizia que a única vez que Nosso Senhor pediu algo aos apóstolos foi na noite de sua agonia, rogando-lhes não uma hora de atividade, mas uma hora de companhia. (SHEEN, 1980).

Outra razão, uma das mais belas, ele a encontrava na Carta aos Coríntios quando o autor diz: “Nos transformamos naquele em que fixamos o olhar” (cf. 2 Cor 3, 18), e complementava dizendo que, ao contemplar o pôr do sol, o rosto toma um resplendor dourado; da mesma forma, quando contemplamos o Senhor Eucarístico, o coração se transforma de uma maneira misteriosa, assim como o rosto de Moisés se transformou e resplandeceu diante do Senhor na montanha (SHEEN, 1980).

Seu objetivo era fomentar um encontro pessoal e profundo com Jesus Cristo. Em todos os retiros do clero aplicava a Hora Santa como resolução prática. Com isso, ajudou a salvar muitas vocações até de sacerdotes que haviam abandonado o ministério e lhe escreviam depois de retornarem. Assim os estimulava: “terás que combater muitas batalhas, mas não te preocupes porque, no final, ganharás a guerra ante o Santíssimo Sacramento” (SHEEN, 1980).

Deus poderia permanecer conosco de tantas outras formas. Poderia manifestar de maneira mais explícita a sua divindade, o seu dom máximo de amor na Cruz, para não ser tão mal tratado e esquecido como o é na Eucaristia, mas não o faz. Não o faz não porque não pode, claro que não! Ele é Deus! Mas quis assim para nos falar sem palavras, no silêncio; ensinar-nos sem gestos, na quietude de sua presença.

A adoração de Cristo neste Sacramento de amor deve encontrar depois a sua expressão em diversas formas de devoção eucarística: orações pessoais diante do Santíssimo, horas de adoração, exposições breves, prolongadas, anuais (quarenta horas), bênçãos eucarísticas, procissões eucarísticas e congressos eucarísticos (PAULO II, 2000, p. 61).

Vimos que a Eucaristia é o meio primordial de manifestação de Cristo na sua Igreja. No entanto, não pudemos deixar de perceber nas diversas citações já feitas e no que já foi relatado até mesmo nessa obra (especialmente no capítulo Eucaristia e Sacerdócio, Mistério de Fé) que há uma presença muito particular de Cristo também na pessoa do sacerdote que é *Alter Christus* não só quando age *in persona Christi* nesse ou em outro sacramento, mas o é a todo o momento, em todos os lugares.

Só queremos atentar para o fato de que, depois da Eucaristia, o meio de manifestação mais clara que Nosso Senhor nos deixou na face da terra foi na pessoa dos seus ministros sagrados, que Lhe são configurados até à alma no dia da Ordenação Sacerdotal, de maneira ontológica, por graça efusiva e particular do Sacramento da Ordem. Poderíamos falar sobre o mistério da presença de Cristo no sacerdote, mistério que fazia São João Maria Vianney exclamar: “Depois de Deus, o Sacerdote é tudo” (apud MANELLI, 1988, p. 139).

Que sublimidade, que grandeza, que honra! Ser portador do Filho de Deus! O padre é como uma seta que deve constantemente apontar para Jesus Cristo, para o Céu, e nunca para ele mesmo. Deve esconder-se atrás de Cristo de forma que só Deus apareça. Deve tomar como forma de vida a atitude de São João Batista ao ver Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo [...] Importa que Ele cresça e que eu diminua”! (Jo 1, 29; 3, 30).

3.3 Eucaristia, Sacramento do sacrifício

“Eis o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19). “Este é o cálice da Nova Aliança no meu Sangue, que será derramado por vós” (Lc 22,20). Sabemos que a Eucaristia é uma antecipação sacramental do sacrifício da Cruz. Nosso Senhor tinha a sua dolorosa Paixão diante de Si quando disse essas palavras e foi verdadeiramente no altar da Cruz que elas se cumpriram. (STOECKL, 2006, p. 277).

De fato, como disse São João Paulo II, isso aconteceu só uma vez no Calvário. Mas o que devia cumprir-se na Sexta-Feira Santa, Jesus instituiu como Sacramento sob as espécies do pão e do vinho na Última Ceia para ser celebrado todos os dias até o fim dos tempos. Por isso, o papa o chama de Sacramento do Sacrifício. Jesus mandou que ele fosse perpetuado: Fazei [imperativo] isto em Minha memória!

[...] não se limitou a dizer 'isto é o meu corpo', 'isto é o meu sangue', mas acrescenta: 'entregue por vós' [...] 'derramado por vós' (Lc 22, 19-20). Não se limitou a afirmar que o que lhes dava a comer e beber era o seu corpo e o seu sangue, mas exprimiu também o seu valor sacrificial, tornado sacramentalmente presente o seu sacrifício, que algumas horas depois realizaria na Cruz para salvação de todos (PAULO II, 2003, nº 12).

Nosso Senhor, quando foi subir ao céu, prometeu aos seus apóstolos que permaneceria com eles todos os dias até o fim do mundo (cf. Mt 28, 20). O sinal mais evidente dessa presença não pode ser outro que não o seu augusto Sacramento. No entanto, Jesus não quis simplesmente estar no meio de nós, o que já seria uma dádiva de valor incomensurável, sem dúvida. Mas, talvez, se tivesse feito isso, iríamos tratar separadamente o dom infinito de sua presença em nosso meio e o seu maior ato de amor no madeiro romano por cada alma já criada e que viria a ser até o fim dos tempos.

Por isso, podemos dizer que Ele uniu ao dom de sua presença o dom sacrificial do seu amor na Cruz. Isso é muito profundo e importante. Quando celebramos a Eucaristia, não celebramos apenas a dádiva de termos Cristo no meio de nós em cada sacrário e altar da face da terra, mas celebramos ainda, conjuntamente, o memorial de sua Paixão e Morte na Cruz.

Mesmo se manifestando sob a humilde forma de um pequeno pedaço de pão e um pouco de vinho num cálice, esse mistério é tão grande e, ao mesmo tempo, tão rico de significados que, ao aproximar-nos da Eucaristia, do Sacrifício Eucarístico, aproximamo-nos não só da divina presença do nosso Redentor sob as espécies sagradas, mas também do Calvário, local onde se consumou o sacrifício da nossa redenção, aproximamo-nos da sua Cruz.

Por isso, quem quer meditar mais profundamente sobre o mistério da Paixão do Senhor e com muito mais eficácia, mais que se aproximar de uma

imagem do Crucificado (que também tem todo seu grande valor e que deveria estar presente em todos os ambientes) deve abeirar-se do Cristo Sacramento que carrega velado o mistério de sua presença e o memorial do seu sofrimento redentor.

Aquilo que, no momento de sua instituição, foi uma antecipação real da realidade sacrificial do Calvário, tornou-se o memorial que perpetua de uma maneira sacramental esta mesma realidade redentora. Eis porque a primeira Missa na Quinta-feira Santa foi uma verdadeira antecipação do sacrifício da Cruz, enquanto que toda Missa depois da Sexta-feira Santa é uma participação real nele. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, o memorial da morte e ressurreição do Senhor, este evento central da salvação, torna-se realmente presente (STOECKL, 2006, p. 278).

Partindo dessa realidade transformadora de que quem participa da Santa Missa ‘toma parte’ também do Sacrifício da Cruz, queremos voltar, por um breve momento, nossos olhares para aquele que, na pessoa de Cristo, oferece esse sacrifício de valor infinito da imolação do Cordeiro de Deus e que também é chamado a viver radicalmente o que celebra.

Quando o sacerdote diz na consagração isto é o meu corpo que será entregue por vós, isto é o meu sangue que será derramado por vós, ocorre um mistério muito maior de união entre Cristo e o ministro sagrado que simplesmente um emprestar a voz a Deus.

Daqui se segue que o celebrante, enquanto ministro daquele Sacrifício, é o autêntico Sacerdote, que opera – em virtude do poder específico da sagrada Ordenação – um verdadeiro ato sacrificial que reconduz os seres a Deus (PAULO II, 2000, p. 78).

O sacerdote deve viver aquilo que diz na consagração, deve ser também ele vítima imolada para salvação dos irmãos. A exortação de São Paulo em Rm 12, 1, ‘Oferecei-vos como hóstias vivas’, deve ser primeira e mais perfeitamente vivida pelos sacerdotes a exemplo d’Aquele que representam e na pessoa do qual agem.

O mandamento de Cristo Fazei isto em memória de mim! refere-se não apenas a celebração sacramental da Eucaristia, [...] refere-se também à vida do padre que, como *alter Christus* (outro Cristo), é o primeiro a se oferecer a si mesmo com Cristo, Sacerdote e Vítima, pela salvação dos irmãos. [...] É por esta razão que, para cada sacerdote, as palavras da instituição, “este é o meu Corpo, este é o cálice do meu Sangue”, devem ser mais do que uma fórmula de consagração, devem ser uma fórmula de vida (STOECKL, 2006, p. 284).

Assim como Jesus desce do céu e, obedecendo à sua voz, se faz hóstia viva entre as suas mãos e através das suas palavras a cada Missa celebrada, também o padre tem que se fazer hóstia viva, sacrifício vivo nas mãos do seu Senhor pelos irmãos. Oferecer o próprio corpo e o próprio sangue é oferecer a própria vida, sem reservas, ao Pai, sem buscar compensações nas criaturas, a exemplo do próprio Cristo.

Sacerdos et Hostia! Sacerdote e Vítima. Este aspecto sacrificial caracteriza profundamente a Eucaristia, sendo também uma dimensão constitutiva do sacerdócio de Cristo e, conseqüentemente, do nosso sacerdócio (PAULO II, 2000, p. 15).

João Paulo II tinha isso muito vivo e presente no seu sacerdócio, levava a sério o chamado a se imolar que emanava e emana do Sacerdócio de Cristo do qual participou aqui na terra e continua a gozar no céu por toda a eternidade.

3.4 Eucaristia, Sacramento de comunhão

Na Eucaristia temos o nosso momento de comunhão máxima com Cristo. É o Corpo Sacrossanto de Cristo unido ao nosso, é o Sangue Redentor de Jesus que tomamos e unimos ao nosso sangue, é a alma santíssima de Cristo que intimamente se une à nossa, é a sua Suprema e Soberana Divindade que abraça e acolhe toda nossa humanidade chagada pelo pecado.

Queremos atentar para esse movimento que Cristo faz em nossa direção para unir-se conosco nesse sacramento. “Deus nos amou por primeiro” (1Jo 4,19). Jesus nos ensina e nos convida a fazer esse movimento de sair de si e ir ao encontro de quem amamos ou precisa do nosso amor. Na comunhão, nos unimos não somente ao Corpo real do Senhor, mas ao Cristo todo. Assim, na Eucaristia criamos laços profundos com seu Corpo Místico, isto é, com toda a Igreja, com todos os que fazem parte dela, cada membro. É o mistério da união em Cristo.

O autêntico sentido da Eucaristia torna-se, de per si, escola de amor ativo para com o próximo. [...] E a Eucaristia educa-nos pra este amor de maneira mais profunda; ela demonstra, de fato, qual o valor que tem aos olhos de Deus todos os homens, nossos irmãos e irmãs, uma vez que Cristo se oferece a Si mesmo de igual modo a cada um deles, sob as Espécies do pão e do vinho. [...] Devemos também tornar-nos particularmente sensíveis a todos os sofrimentos e misérias humanas, a todas as injustiças e arbitrariedades, buscando a maneira de a isso remediar de forma eficaz (PAULO II, 2000, p. 68).

É grandioso e impressionante pesar que cada vez que comungamos, como diz Santo Agostinho, não somos nós que transformamos o Corpo de Cristo no nosso corpo, mas é o próprio Jesus que nos transforma nele e faz brilhar com máximo esplendor a nossa união ao seu Corpo Místico. E como essa comunhão é comunhão de amor, podemos dizer, então, que, quando comungamos, Jesus está amando mais de sete bilhões de pessoas em nós. De certa forma, unindo-nos a Cristo, unimo-nos às pessoas do mundo inteiro em Cristo.

Isso na vida de um ministro de Cristo tem um brilho todo especial, porque faz parte do seu próprio ser, como sacerdote, a doação pelos irmãos a exemplo do próprio Cristo.

Sei que me estou dirigindo àqueles a quem somente o amor do mesmo Cristo concedeu, por uma específica vocação, o entregarem-se ao serviço da Igreja e, na Igreja, ao serviço do homem, para a solução dos problemas [...] que dizem respeito à sua salvação eterna (PAULO II, 2000, p. 26).

Isso desperta toda a Igreja, mas, principalmente, aquele que tem o cuidado sobre a comunidade para uma dimensão missionária que brota do verdadeiro sentido da Eucaristia. O mandato de Cristo fazei isto em memória de mim, os apóstolos o cumpriam e levavam aos seus discípulos o Evangelho sempre com a Eucaristia. Nos Atos dos Apóstolos, vemos que a primeira comunidade cristã, modelo para toda Igreja, perseveravam nas orações e no partir do pão (cf. Act 2,42) (PAULO II, 1999, p. 12)

O sacerdote é chamado, a partir da Eucaristia, a ser a representação fiel do Cristo Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10,11). Deve ser o primeiro a dar o exemplo, é ele o primeiro a puxar a fila. E para onde as levar, as ovelhas irão. Aqui nos lembramos de como o exemplo do sacerdote na comunidade é fundamental, o padre nunca se salva ou se condena sozinho, sempre arrasta uma

multidão com ele. Sabemos que dar esse testemunho não é fácil, às vezes custa muito. Contudo,

[...] quando o peso da cruz se tornar mais pesado, saibei que aquela será a hora mais preciosa, para vós e para as pessoas que vos forem confiadas: renovando com fé e com amor o vosso ‘Sim, com a ajuda de Deus, eu quero’ (dito no dia da Ordenação), vós cooperareis com Cristo, Sumo Sacerdote e Bom Pastor, para apascentar as suas ovelhas – talvez só aquela que se perdeu, mas pela qual se faz uma grande festa no Céu! (BENTO XVI, 2012).

3.5 Presença de Maria na vida eucarística dos Sacerdotes

Não podíamos deixar de falar daquela que é mãe tanto dos sacerdotes como da Eucaristia. O Movimento Sacerdotal Mariano sempre trás um título muito belo aos sacerdotes intitulado-os de filhos prediletos de Nossa Senhora. Não existe Jesus sem Maria, nem Maria sem Jesus. É preciso que o padre se sinta verdadeiro filho de Nossa Senhora, que lhe peça carinho, atenção, que lhe peça colo nos momentos difíceis.

“Todos nós, pois, os que recebemos o mesmo poder, mediante a Ordenação sacerdotal, somos os primeiros, num certo sentido, a ter o direito de ver n’Ela a nossa mãe” (PAULO II, 2000, p. 51). Maria não abandonou Jesus em nenhum momento de sua vida. Assim também a Virgem acompanha estreitamente a vida de cada sacerdote, como seus filhos prediletos, pois vê neles, através da consagração sacerdotal, a própria imagem do seu amado Jesus.

Embora não se fale de Maria na liturgia da Quinta-feira Santa – mas encontramos-na na Sexta-feira Santa ao pé da Cruz com o apóstolo João –, é difícil não pressentir sua presença na instituição da Eucaristia, antecipação da paixão e morte do Corpo de Cristo, daquele Corpo que o Filho de Deus tinha recebido da Virgem Mãe, no momento da Anunciação (PAULO II, 2000, p. 265).

Não é dogma, mas também não é rejeitada pela Igreja a ideia de que a Virgem Maria estava na Última Ceia. Partindo do pensamento de que a Mãe de Deus estava na instituição da Eucaristia e do Sacerdócio, como seria bonito pensar que essa Santíssima Mãe, naquele momento, relembra o seu *Fiat*, através do qual deu sua carne para que dela o Divino Espírito pudesse formar a carne do Filho de Deus, e contemplava seu amado Jesus fazer do seu Divino Corpo sacramento salvífico.

Se assim o foi, Maria também presenciou o nascimento dos seus filhos prediletos, viu a Eucaristia e o Sacerdócio nascerem juntos. Mesmo que isso não tenha acontecido, sem dúvidas essa boa Mãe sabe a íntima ligação que há entre essas duas dádivas divinas para a humanidade e quer vê-las juntas, sempre juntas, numa amorosa e interdependente relação.

Maria foi a primeira adoradora, o primeiro sacrário vivo na terra. Ela nos ensina o recolhimento para estar com Cristo, adorando-O no mistério da Eucaristia, a não nos afastarmos da sua presença, a carregá-Lo no coração e no pensamento todos os momentos do dia. Assim com esteve ao lado de Cristo na Cruz, também está incessantemente ao lado do sacrário convidando-nos a, com ela, adorar seu Divino Filho.

Maria não se esquecia, nem por um segundo, de que carregava o Filho de Deus feito também seu Filho em seu seio imaculado. Da mesma forma, o sacerdote deve ter sempre em mente e se conscientizar cada vez mais de que também é um portador especial de Cristo pelo sacramento da Ordem todo tempo, em tudo que faz.

O sacerdote deve saber que no momento mais importante do seu dia, na celebração dos sagrados mistérios, tem ao seu lado Aquela que estava do lado de Cristo na Cruz.

No memorial do Calvário, está presente tudo o que Cristo realizou na sua paixão e morte. Por isso, não pode faltar o que Cristo fez para com sua Mãe em nosso favor. De fato, entrega-lhe o discípulo predileto e, nele, entrega cada um de nós [...]. Viver o memorial da morte de Cristo na Eucaristia implica também receber continuamente este dom. Significa levar conosco – a exemplo de João – Aquela que sempre de novo nos é dada com Mãe. Significa ao mesmo tempo assumir o compromisso de nos conformarmos com Cristo, entrando na escola da Mãe e aceitando a sua companhia (PAULO II, 2003, nº57).

Antigamente, houve na Igreja o interessante costume de se usar como ostensório uma imagem da Virgem, na qual tinha a luneta com o Santíssimo Sacramento exposto no lugar do coração. Isso mostra que Maria e Eucaristia estão sempre juntas. Que Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, que nunca se afasta de Jesus-Eucaristia, interceda para que também seus filhos prediletos jamais se

distanciem d'Aquele, sem O qual, eles e o seu ministério ordenado não têm razão para existir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só no céu, de fato, vamos compreender um pouco mais do imperscrutável mistério que circunda o Sacerdócio e o Santíssimo Corpo do Senhor. A Igreja está e sempre estará muito longe, por mais que estude e se dedique a meditar sobre esse mistério, a esgotar a incalculável riqueza desses dois presentes da bondade e da misericórdia divinas para toda a humanidade.

O ministro está destinado ao sucesso pastoral no empenho pela salvação das almas, ao crescimento espiritual, à vida de santidade, ao ardor no apostolado, à autêntica alegria no ministério na medida em que se deixar envolver por esse mistério eucarístico, que é a base mais sólida e importante do seu ser sacerdotal.

Somos imensamente gratos a Deus por nos ter dado a imprescindível graça de poder tratar de temas tão importantes estando tão próximos de abraçar tão excelsas realidades. O temor e o tremor só aumentaram! Mas, junto a estes, o amor e a admiração não param de crescer. Se Deus nos chama, nos há de dar todas as graças das quais necessitamos para desempenhar nossa missão.

Não existe Sacerdócio sem Eucaristia! Fazemos sinceros votos de que todos os sacerdotes descubram a incontestável e deslumbrante realidade de que sua vida espiritual e seu ministério dependem, indiscutivelmente, de uma relação pessoal com Jesus Eucarístico para perdurarem e darem frutos para salvação das almas. Que Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento possa nos ajudar a aumentar nosso fervor na devoção a Jesus Sacramentado e interceda por aqueles que carregam, aonde quer que vão, a doce imagem do seu Divino Filho Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. 144p.

BENTO XVI, Papa. *Homilia sobre a dimensão eucarístico-sacrificial do ministério sacerdotal*. 29 de abril de 2012.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. 800 p.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. São Paulo: Paulinas, 2013. 208 p.

CRISÓSTOMO, João. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979. 191 p.

EYMARD, Pedro Julião. *A Divina Eucaristia*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 2002. 287 p.

EYMARD, Pedro Julião. *Flores da Eucaristia*. 2ª ed. São Paulo: Palavra & Prece, 2005. 427 p.

MANELLI, Stefano Maria. *Jesus, Nosso Amor Eucarístico*. Anápolis: Múltipla, 1988. 174 p.

NASINI, Gino. *O Milagre e os Milagres Eucarísticos*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010. 220 p.

PAULO II, Papa João. *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa*. L'osservatore Romano, 2004.

PAULO II, Papa João. *Cartas do Papa João Paulo II aos Sacerdotes*. Bauru: EDUSC, 2000. 332 p.

PAULO II, Papa João. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2003. 53 p.

PAULO II, Papa João. *Dom e Mistério. Por ocasião do 50º aniversário da minha ordenação sacerdotal*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1997. 117p.

PAULO II, Papa João. *Homilia* (14 de julho de 1985), 2 e 3: ORP (22 de setembro de 1985).

PAULO II, Papa João. *Homilia na Celebração da Palavra na Praça diante da Catedral, Varsóvia – Praga – 13 de junho*. L'Osservatore Romano, 26 de junho de 1999.

PAULO II, Papa João. *Pronunciamento ao II Congresso do Clero Italiano*. L'osservatore Romano, 4 de Março de 1984.

REVISTA FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DO *INSTITUTUM SAPIENTIAE*. *Sapientia Crucis VIII*. Anápolis, 2006.

SHEEN, Fulton J. *Vasos de barro: A autobiografia de Fulton J. Sheen*. New York: Garden City, 1980. 366 p.